

Mediatização e conectividade: características da digitalização no Brasil a partir da experiência das mulheres negras¹

Mariana Gomes da S. Soares²
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo

O que a experiência de mulheres negras na sociedade da informação no Brasil aponta sobre a mediatização? Este trabalho busca debater quais características do processo de mediatização (Couldry, Hepp, 2017; Verón, 2014; Fausto Neto, 2008), em sua etapa de digitalização e dataficação, são reveladas na experiência de mulheres negras. O estudo toma por base estudos de mediatização centrados na modernidade, posicionando a mediatização como meta-processo que também é diferenciada pelas opressões interligadas e interseccionais (Collins, 2022) como mediadoras da experiência na sociedade informacional (Soares, 2024).

Palavra-chave: conectividade; mediatização; sociedade da informação; mulheres negras;

Santos (2021) e Guimarães (2019) debatem operadores analíticos da enunciação, a partir de experiências de mulheres negras em processos de ação política. Contribuem para a assunção do “efeito de responsabilização da violência” nos discursos propostos pela autodeterminação de mulheres negras, como interlocutoras do patriarcado racista (Collins, 2022), posicionadas em subalternidade em face das opressões interligadas, e indicam distinções entre identidade social e identidade discursiva.

Na sociedade da informação no Brasil, as mulheres negras são o maior grupo de usuárias da internet (Soares, 2024). De 2019 a 2023, segundo o levantamento TIC Domicílios (NIC.br), as mulheres negras viveram um crescimento no índice de uso da internet, saindo de 25% em 2019 para 31% em 2023. Também vivem um aumento de aproximadamente 6% de uso frequente (últimos três meses), processo vivido durante a pandemia de Covid-19. Isto não permite declarar, entretanto, que são o grupo mais

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas (UFBA). Jornalista (UFB). Ciberativista, idealizadora da Conexão Malunga. E-mail: go.soa.mari@gmail.com

conectado. Apesar de representarem 54,94% das pessoas do sexo feminino no indicador de “acesso à internet” (Cetic.br, 2023), mulheres negras enfrentaram durante a pandemia o menor valor neste indicador diante da série histórica: 41,97%, em 2021, ano em que houve aumento exponencial de todos os indicadores que apontam acesso a dispositivos como smartphones, computadores e também acesso à própria rede (Cetic.br). O acesso neste período deu-se sobretudo através de telefonia móvel, o que revela uma fina camada de conectividade baseada nas possibilidades financeiras das famílias. A agência como sujeitas que buscaram garantir o acesso à rede, ainda que por meio de franquias de dados como única alternativa, para garantir o acesso a políticas como a de auxílio emergencial e permitir trocas educacionais, ainda que tenras, em aplicativos de mensageria. Até 2023, 71% dos brasileiros estão submetidos a tais dinâmicas, com exceção do grupo masculino branco e feminino branco.

Neste quadro histórico, aspectos como os marcadores de gênero, raça, classe, território e idade despontam como mediadores da vida na sociedade da informação e são capazes de orientar o entendimento das grandes transformações da mediatização (Fausto Neto, 2008; Verón, 2014): a relação com o tempo, a produção de sentido e a apropriação de códigos. A experiência de mulheres negras na sociedade de informação no Brasil também aponta que a heterogeneidade da mediatização também se traduz na urgência de políticas públicas de comunicação, nos níveis de telecomunicações, internet e suas inovações, que considerem as desigualdades de gênero e raça como mediadoras da experiência digital e dataficação.

Referências

- COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. 1. Ed. São Paulo. Boitempo. 2022.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. The Mediated Construction of Reality. Polity Press. 2017.
- GUIMARÃES, Maira. Os efeitos de narrativa de vida em escritas feministas: uma perspectiva racial e de classe. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2019.
- NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: Pesquisa TIC Domicílios, ano 2023: Base de microdados. Disponível em: <<http://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2023/individuos/#bases>>. 22 de junho de 2025.

SANTOS, Kelly C. M. As marcas do discurso das mulheres militantes negras - a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2021.

SOARES, Mariana G. S. Conectados: sentidos sobre “excluídos digitais” nos discursos multissetoriais da governança da internet brasileira (2014-2024). Universidade Federal da Bahia. 2024.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 13–19, 2014. Disponível em <<https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>>. Acesso em: 22 de junho de 2024.